

## As imagens de uma geração em conflito: os jovens dos anos 80 nos romances de Pier Vittorio Tondelli

**Abstract:** Tondelli's novels, written in Italy during the 1980's, reveal the youth of those years, of which the author is part, tormented by fear and the desire to integrate a society that usually does not accept them or understand them. Tondelli intends, with his literature, to present and legitimate an "other" way of seeing reality, extending bridges beyond the Italian province, beyond the limitation of conventions, but always rooted on earth, in order to rediscover the capacity of being in the world.

**Keywords:** Tondelli, Italian literature, 1980's.

**Resumo:** Os romances de Tondelli, escritos na Itália dos anos oitenta, revelam a juventude desses anos, da qual o mesmo autor faz parte, atormentada pelo medo e o desejo da integração em uma sociedade que muitas vezes não os aceita e não os compreende. Tondelli procura, através de sua literatura, mostrar e legitimar uma maneira "outra" de ver a realidade, lançando uma ponte além da província italiana, além das limitações das convenções, mas sempre com as raízes na terra, para redescobrir a capacidade de estar no mundo.

**Palavras-chave:** Tondelli, literatura italiana, anos 80.

*Meu partido  
É um coração partido  
E as ilusões estão todas perdidas  
Os meus sonhos  
Foram todos vendidos  
Tão barato que eu nem acredito  
Que aquele garoto que ia mudar o mundo  
Freqüenta agora as festas do "grand monde"  
Meus heróis morreram de overdose  
(...)  
O meu prazer  
Agora é o risco da vida  
(...)  
Frejat/Cazuza*

A narrativa de Tondelli mostra a vitalidade quase obsessiva dos jovens, entre os anos setenta e oitenta, sempre à procura de estímulos e aventuras. Incapazes de acharem modelos e referências no mundo dos adultos, eles procuram alternativas. À escritura é dada a tarefa de legitimar esses “modelos alternativos” de expressão que muitas vezes são de “destruição”, como as drogas e o álcool.

Tondelli, desde *Altri libertini*, publicado em 1980, mostrará, com os seus personagens adolescentes ou quase, os mitos, os rituais, a mentalidade, a linguagem, as modas e os gostos desses anos, o impulso para derrubar os antigos valores e a vontade utópica de ter uma realidade melhor, custe o que custar – e que será uma das suas temáticas marcantes. Nessa primeira produção do autor, a “linfa vital” escorre à margem da sociedade “bem pensante” e oficial: ela codifica valores alternativos como possibilidades de sobre-vida em um mundo que, sistematicamente, decepciona as esperanças de reconhecimento e valorização dos jovens.

Aldo Tagliaferri escreveu, em *Panta*, a respeito desse romance:

Se os embates políticos, mesmo violentos, característicos dos anos em que foi escrito o romance, ressoam naquelas páginas como ameaçadoras mas distantes batidas de tambores, isso depende do fato que nelas aparece uma necessidade coletiva de evadir daquela realidade social e do tipo de conflito que ela comporta e prevê, nisso toma forma a procura, anunciada no título, de uma alteridade perseguida através da prática de uma libertinagem subversiva<sup>1</sup>.

Como é característico da literatura do pós-moderno, Tondelli, também, foge dos conteúdos ideológicos e políticos; todavia ele denuncia a incapacidade da sociedade de se apresentar com modelos positivos. Típico é o exemplo do segundo romance, *Pao Pao*, no qual o serviço militar é considerado um inútil período de reclusão. Não serão mais indulgentes as considerações que o autor fará de outras “presenças oficiais”, a Universidade, a escola, a polícia ou, como no dramático trip de Giusy, a “inoportuna” assistente social: “...como enchia a ladainha da assistente social que chegava para levá-lo, você vai fazer muitas coisas ainda e vai viver, você é jovem e vai vencer, vai conhecer a vida, quem podia agüentar aquela fala imbecil, não encha, porra”<sup>2</sup>, sem poupar os pais, ausentes, omitidos porque quase indiferentes ao destino sempre tragicômico dos jovens heróis de Tondelli. Há um exemplo em *Ragazzi a Natale*, com o protagonista completamente enlouquecido em suas peripécias para conseguir uma licença de trinta e seis horas para as festas de final de ano: “Pena que papai e mamãe estejam nas montanhas e agora seja inútil ligar para o chalet. Sorte deles, a

essas alturas devem estar bêbados de tanto champanhe em algum hotel de luxo. Sorte deles. Talvez tenham até neve”<sup>3</sup>. Ou em *Pao Pao*: “Passo a licença com o Jean e vou lá na sua chácara longobarda sem nem avisar os meus quando passo por Reggio Emilia”<sup>4</sup>.

Elena Buia escreve, a propósito dos primeiros romances de Tondelli: “o verdadeiro tema é a celebração através do poder mediúnico da escritura, de um mundo vital alternativo, de um universo jovem procurando desesperadamente um espaço autônomo”<sup>5</sup>. Existe uma tensão permanente em direção a um “outro lugar” ou “outra pessoa” que permita uma fruição desinibida, mas ao mesmo tempo revela um desejo de chegar, para alcançar relações mais verdadeiras e finalmente participar da vida:

Mas as ocasiões da vida nunca deixam de maravilhar na sua insensata fragmentação que depois, um belo dia, se solda milagrosamente em uma sutil e delicada vibração que une e amarra e uniformiza o tom de vários percursos e então, apesar das dores e a precariedade dos nossos anos de juventude a vida parece revelar-se como uma misteriosa e harmoniosa freqüência que mostra o sentido e faz entender; e então neste instante luminoso tudo parece se recompor na felicidade de se sentir finalmente presentes aos olhos da própria história<sup>6</sup>.

A vida, vivida como uma fascinante aventura, leva esses jovens a uma ansiedade de ação que faz dos livros de Tondelli livros de movimento, dessa jovem fauna sempre unida, sempre indulgente e compreensiva com os da mesma “raça” e que têm os mesmos ideais de nomadismo, transgressão e libertinagem. Aldo Tagliaferri identifica em *Altri libertini* “a fisionomia de uma nova utopia, de um sonho em que a dimensão subjetiva e aquela coletiva ficam tão interligadas a ponto de condicionar-se mutuamente”<sup>7</sup>.

O coletivismo, o viver em grupo é talvez um dos maiores mitos e utopias dos anos setenta e aparece nos primeiros livros de Tondelli com a força de uma necessidade. Os jovens precisam estar juntos, precisam um do outro para terem a coragem de continuar e sobreviver e superar até ulteriores marginalizações, como a homossexualidade da maioria das personagens. Mas o coletivismo a que se refere o autor não tem nenhuma base política ou ideológica, é fundado unicamente em escolhas coletivas, “de gosto”:

Representava também uma gíria, estava também na escolha ou na preferência de determinados grupos musicais no lugar de outros ou no fato de se ocupar de um certo tipo de cinema. Em suma, incluía também escolhas de gosto que compreendiam uma série de comportamentos, um tipo de sensibi-

lidade. Tudo naturalmente, com referência aos anos que estávamos vivendo, a esse tempo preciso<sup>8</sup>.

Os jovens, órfãos de qualquer ideologia, acham novos pontos de referência, no rock, no cinema, na literatura. Até em *Camere separate*, em que o protagonista tenta sair deste mundo coletivo e tipicamente adolescente, o primeiro encontro de Leo e Thomas é legitimado e “abençoado” por uma multidão de jovens na atmosfera mágica de um concerto de rock. Leo tem como que uma vertigem inicial:

Leo fica eufórico, as suas pernas tremem pela corrida que fez e pela violência do grito, pelo fato de estar no meio de uma multidão que sempre, no estádio, nos palácios de esportes, lhe dá uma sensação imediata de sufocar. Depois, tudo passa, até que não toma consciência de ser ele mesmo não mais somente um indivíduo separado, mas um elemento de um fato coletivo. Assim inicia a olhar não mais com os seus olhos, mas com aqueles da multidão<sup>9</sup>.

E assim, “O concerto continua por uma meia hora. Depois durante um vertiginoso acorde da bateria um refletor inicia a rodar entre o público focalizando-o com um limitado e ofuscante cone de luz. (...) É assim que de repente percebe Thomas”<sup>10</sup>.

A emotividade da escritura materializa a música que toca durante o encontro entre Leo e Thomas: *I feel love*. O ritmo do rock transforma o concerto em um ritual tribal, une as pessoas, elas tornam-se iguais, e legitima um amor homossexual:

São envolvidos por uma multidão que os aperta, empurra, festeja e os joga de um lado para outro. Eles não se soltam e ficam abraçados naquela maré oscilante de gente excitada. *I feel love* continua cada vez mais premente. Os lábios de Leo procuram a boca de Thomas. Do palco sai fumaça colorida. E assim, entre o tripúdio que marca o fim do concerto, aplausos, corais, assobios de felicidades e vapores que os envolvem deixando-os por alguns instantes invisíveis, eles trocam, apertados quase de doer, o primeiro beijo da vida deles<sup>11</sup>.

A mesma compreensão e cumplicidade que a multidão de jovens mostra para uma relação homossexual, a sociedade dos “adultos” nunca mostrará. Dilo e o seu companheiro serão execrados por terem ficado de mãos dadas no ônibus, e encontram força para continuar somente no apoio recíproco, nem sempre suficiente:

Choro sentado no murinho de Sant’Isaia que conseguimos alcançar com muito esforço; choro e arrasto os pés na grama e soluço e não consigo dizer uma palavra e Dilo pega na minha mão entre as dele e fala baixinho “Eu sei que a vida de viados é difícil, mas nós não vamos permitir que ninguém torture a gente, não vamos permitir, tá? (...) Depois, na casa de Dilo, deitados na cama

escutando os discos, deixar que a música entre na cabeça e a descansa, luz macia.. (...) fingir que tudo passou, mas o silêncio embaraçado depois do almoço revela todo o peso que tenho dentro de mim, que toma o peito e a cabeça e não basta Tim Buckley (...) e não bastam os meus dedos brincando frios com aqueles de Dilo<sup>12</sup>.

Mas sempre necessário e sempre presente e até idealizado. Em nenhum momento há desentendimentos definitivos entre os jovens; nunca há rancor mesmo depois das brigas até violentas, a solidariedade e a generosidade estão sempre presentes entre aqueles que formam *una bella tribù*. O grupo compartilha os mesmos ideais, segue os mesmos modelos de vida, sempre rigorosamente alternativos em relação ao mundo adulto, e, aceitar normas, costumes, gírias e modas do grupo é um meio para se reconhecer e ter uma identidade, mesmo que efêmera. Aldo Tagliaferri observa:

Se para os da mesma idade sempre há uma atitude de simpatia declarada, perdendo tudo, isso depende da fidelidade àquilo que é o pacto de uma geração que, como tinha intuído com genialidade o psiquiatra Bela Grunberger, no começo dos anos setenta, se baseia na tentativa, ainda operante no nosso tecido social, de construir um mundo narcisista de iguais para evitar sistematicamente o Édipo e, portanto, o difícil processo de maturação das pulsões<sup>13</sup>.

Os exemplos de solidariedade nesse *mondo a parte* são muitos e um dos mais tragicamente cômicos se encontra em *Altri libertini*:

A tarde inteira desse maldito Natal na casa do Miro pra levantar o seu astral depois do estrago que o Merry Christmas do Andréa provocou. A Annacarla, Ela, a Raffy e eu e alguns outros todos em volta do seu corpo largado no sofá, naquele tálamo ele não vai voltar, não vai voltar nem morto, nem que vivesse cem anos. Nós não sabemos mais o que dizer nem o que fazer depois de todo o carinho que a gente deu, mas todo mesmo...<sup>14</sup>

A polifonia da escritura, que nunca perde o seu tom debochado e exuberante, conta essa cumplicidade, escondendo atrás de cada experiência pessoal os mitos de uma geração que pertence a um *vissuto collettivo*, como Tondelli mesmo diz: “Eu só queria contar umas histórias, talvez até radicadas demais nos anos setenta, umas histórias ainda coletivas”<sup>15</sup>. Com o mesmo entusiasmo e afeto com que o mundo dos jovens é contado, aparecem e são celebrados outros universos marginais, como os emigrantes árabes e espanhóis em *Viaggio*:

Em Les Morelles são todos exilados, de todas as raças. Moram neste velho e lindo bairro mas pouco recomendável e mal cuidado. Não há italianos (...).

Mas todos têm lembranças da nossa raça e quando caminhamos pela Rue Blaes para as compras reconhecem a gente e fazem festa, mesmo os muçulmanos (...) Mas sobretudo os espanhóis são gente boa e tratam a gente como americanos desembarcados na África Central, e são todos atenciosos e carinhosos<sup>16</sup>.

e os velhos que ficam nos botecos contando histórias em *Senso Contrario*:

Mas aqui não tem os velhos, como ainda em muitos botecos da baixa Reggio que ficam ali com seus charutos mastigados até não poder mais e grudados no canto da boca que nem um bocejo escancarado conseguiria derrubar, eles estão sempre prontos a lembrar e cantar, quando começam nunca param. (...) Ficaram em poucos pra cá e pra lá e quando a gente se encontra com eles uma indefinível transmissão de experiências acontece, um minuto de comunicação, aquela de verdade e até apaixonada e ficamos lá a noite inteira correndo pra cima e pra baixo nos anos, pra frente e pra trás no tempo numa bela confusão que é a história viva e também nossa<sup>17</sup>.

Assim os jovens e os velhos ou os emigrantes se encontram, contam as próprias histórias e se comunicam com a mesma sensibilidade de fundo baseada no afeto, na sinceridade, na compreensão, mundos que não se temem e que por isso se cruzam.

As figuras oficiais são banidas e sempre ignoradas, ridicularizadas ou até desprezadas: "...sabemos que estes laços nasceram entre pessoas que trabalham, não foram estipulados na mesa pelos diplomatas ou pelos ministros de bosta, que deles nós temos vergonha sim, e muita"<sup>18</sup>, assim como qualquer autoridade que possa frear ou regulamentar a vida das personagens, como os pais a quem é preciso prestar contas e dos quais a maioria desses jovens é economicamente dependente.

Ao mesmo tempo em que essa geração procura desesperadamente relacionamentos sinceros, procura palavras e gestos de amor e de compreensão, recusa qualquer tipo de integração, e a exasperação de algumas modalidades de contestação contra uma sociedade que, de maneira geral, sentem como estranha e falsa, leva esses jovens a perseguir um verdadeiro "mito da autodestruição":

Aquilo que se configura (também a partir dessas páginas) não é como pensávamos, uma geração apática, indiferente ou anoréxica, mas sim, profundamente frágil, completamente incapaz de suportar a normal pressão emotiva que a realidade exercita sobre todos nós; e por isso propensa a usar metáforas hiperbólicas de sobrevivência e obrigada a exorcizar a realidade, a enganá-la através de uma dissimulação<sup>19</sup>.

No momento em que a criatividade não se concretiza e a realidade nunca é enfrentada mas negada, no momento em que se confundem as

razões da vida com aquelas da arte, é inevitável um profundo sentimento de derrota e de fracasso, e aquelas que o próprio Tondelli define como “mitologias negativas dos anos setenta” são uma parte importante dos conteúdos dos seus livros, principalmente os primeiros. O autor faz em *Tondelli. Il mestiere dello scrittore* uma reflexão interessante sobre a experiência dos anos setenta-oitenta, pensando também na morte precoce de amigos como Andrea Pazienza e Francesca Alinovi:

É verdade, é também “uma estação no inferno”, porque muitos dos protagonistas não vivem mais, porque tinha grandes erros... Mas eu não quero processar ninguém, deste ponto de vista. Cada geração tinha que ser o que tinha que ser. Limito-me a isso: tinha álcool demais, pó demais, naqueles anos...Tanta vontade de autodestruição como mito alternativo... Talvez tivesse sido a piedade, talvez a comoção, a fazer surgir umas interrogações, eu diria quase inquietantes. E eu me perguntei (...): será que aquele culto do sofrimento, da recusa do jogo porque o jogo é sempre sujo, de não ficar de lado nenhum porque sempre tem traição, no final, será que isso não é mais que uma simples mania literária uma terrível incapacidade de estar no mundo?<sup>20</sup>

A incapacidade de viver, que levou os representantes da cultura jovem, na Itália e na Europa, a ter um tipo de comportamento tão evidente nas personagens de *Altri libertini*: “Ganhar muito para jogar fora tudo, não pensar nunca no futuro, não fazer projetos, viver só o presente, ter horror de construir uma carreira profissional (...), identificar-se completamente com a *bohème* do seu trabalho artístico, unir as razões da vida com aquelas da arte”<sup>21</sup>, como os protagonistas de *Viaggio*, com fome e morando em um “moquifo”, mas quando Max:

puxa uma nota de dez que esconde toda amassada nas cuecas e eu tenho nojo de pegar esse papel imundo, mas depois penso que o dinheiro é merda e a merda não faz mal pra ninguém e então não tô nem aí se isso fede a bosta e a mijo, pego abro a nota estico bem e corro lá fora e compro na Feltrinelli de Praça Ravegnana uns livros, depois volto pra casa e de noite a gente lê todos juntos um pouco de Céline, um pouco de Rabelais e um pouco de Daniel Defoe<sup>22</sup>.

Essa geração do *hic et nunc*, como a chama Giuseppe Bonura, é a geração de Tondelli, e é ela que se mostra através dos seus romances com toda a dureza de uma realidade insustentável atrás de uma aparente frivolidade e irresponsabilidade, “esmagada entre o ‘yuppismo’ de um lado, a cínica aceitação das regras do mercado contra qualquer forma de moralidade possível, e as armas e a droga do outro, quer dizer a autodestruição como única possível expressão de recusa”<sup>23</sup>.



Se, como muitas vezes a crítica notou, faltam nesses romances a dimensão do terrorismo dos anos setenta e o engajamento político, todavia não falta o engajamento “humanístico” ou, como Spadaro o chama, “o engajamento da emoção”. O próprio Tondelli explicou a Panzeri: “Estar engajado para mim quer dizer fazer descobrir o que significa seguir a sua natureza, o seu instinto, saber ser sincero consigo mesmo e cheio de desejos e vontade de amar e de mudar o mundo, mesmo que eu não possa dizer como”<sup>24</sup>. Perdidos os interesses políticos e considerando cínicas e sem sentido as propostas da lei do mercado dos anos oitenta, ele tem a necessidade através da literatura de revelar e legitimar uma maneira “outra” de ver a realidade.

## Notas

1. Tagliaferri, Aldo. “Sul motore tirato al massimo”. In: *Panta*, p. 14. “Se gli scontri politici, anche furibondi, propri degli anni di stesura del romanzo, echeggiano in quelle pagine solo come minacciosi ma distanti rulli di tamburi, ciò dipende dal fatto che in essi si riflette un bisogno collettivo di evadere da quella realtà sociale e dal tipo di conflittualità che essa comporta e prevede, mentre prende corpo la ricerca, annunciata dal titolo, di una alterità perseguita attraverso la pratica di un libertinaggio eversivo”.
2. Tondelli, Pier Vittorio. “Postoristoro”. In: *Altri libertini*. Milano: Feltrinelli, 1980. p. 11. “...come stridevano le chiacchiere dell’assistente che era arrivata a prelevarlo, tu farai e tu vivrai e sei giovane e vincerai e conoscerai la vita, chi lo poteva sopportare quel borbottio imbecille, fatti i cazzi tuoi”.
3. Tondelli, Pier Vittorio. “Ragazzi a Natale”. In: *L’abbandono. Racconti dagli anni Ottanta*. Milano: Bompiani, 1993. p. 125. “Peccato soltanto che papà e mamma siano in montagna e sia ormai inutile telefonare allo chalet. Beati loro. A quest’ora saranno già imbrichi di tanto champagne in un qualche bell’albergo. Beati loro. Magari avranno anche la neve”.
4. Tondelli, Pier Vittorio. *Pao Pao*. Milano: Feltrinelli, 1991, p. 98. “Passo la licenza con Jean e vado là nel suo potere longobardo senza nemmeno avvisare i miei quando passo da Reggio Emilia”.
5. Buia, Elena. *Verso casa - Viaggio nella narrativa di Pier Vittorio Tondelli*. Ravenna: Fernandel, 1999. p. 38. “Il vero tema è la celebrazione, attraverso il potere medianico della scrittura, di un mondo vitale alternativo, di un universo giovanile alla ricerca affannosa di uno spazio autonomo”.
6. Tondelli, Pier Vittorio. *Pao Pao*, op. cit., p. 157. “Ma le occasioni della vita stupiscono mai abbastanza nella loro insensata frammentarietà che poi un bel giorno miracolosamente si salda in una sottile e delicata vibrazione che riaccorda e riannoda e informa il tono di diversi percorsi e allora, nonostante i dolori e la precarietà dei nostri anni giovanili la vita sembra rivelarsi con una misteriosa e armonica frequenza che schiude il senso e fa capire; e allora in quell’attimo abbagliante tutto pare ricomporsi nella gioia di sentirsi finalmente presenti agli occhi della propria storia”.
7. Tagliaferri, op. cit., p. 14. “La fisionomia di una nuova utopia, di un sogno in cui la dimensione soggettiva e quella collettiva diventano interconnesse al punto di condizionarsi a vicenda”.



8. Panzeri, Fulvio; Picone, Generoso. *Tondelli. Il mestiere dello scrittore*. Ancona: Transeuropa, 1994 p. 50. "Rappresentava anche un gergo, consisteva anche nello scegliere e preferire determinati gruppi musicali piuttosto che altri o di occuparsi di un certo cinema. Tutto sommato implicava anche la scelta di un gusto che circoscriveva una fascia di comportamenti, un tipo di sensibilità. Tutto, naturalmente, in riferimento agli anni che si vivevano, al loro tempo preciso".
9. Tondelli, Pier Vittorio. *Camere separate*. Milano: Bompiani, 1989. p. 24. "Leo si sente euforico, un po' gli tremano le gambe per la corsa che ha fatto e per la violenza dell'urlo, per il fatto di trovarsi immerso in una folla che sempre, allo stadio, nel palsport, gli dà un senso immediato di soffocamento. Poi tutto passa, finchè non prende coscienza di essere lui stesso non più soltanto un individuo separato, ma l'elemento di un fatto collettivo. Così inizia a guardare non più con i suoi occhi, ma quelli della folla".
10. Tondelli, *Camere separate*, op. cit., p. 24. "Il concerto avanza per una buona mezz'ora. Poi durante un vertiginoso stacco di batteria un riflettore inizia a volteggiare fra il pubblico inquadrando in un ristretto e accecante cono di luce (...) Ed è così che d'un colpo nota Thomas".
11. Tondelli, *Camere separate*, op. cit., p. 29. "Sono circondati da una folla che li stringe, li urta, li spinge da una parte all'altra. Loro non si staccano rimangono avvigliati in quella marea oscillante di gente eccitata. I feel love continua sempre più incalzante. Le labbra di Leo cercano la bocca di Thomas. Dal palco viene soffiato fumo colorato. E così fra il tripudio che segna la fine del concerto, applausi, grida, cori, fischi di gioia, e vapori che li avvolgono rendendoli per qualche istante invisibili, loro si scambiano, stretti quasi a sentirsi male, il primo bacio della loro vita".
12. Tondelli, Pier Vittorio. *Viaggio*. In: *Altri libertini*. Milano: Feltrinelli, 1980. p. 97. "Piango seduto sul muricciolo di Sant'Isaia che abbiamo faticosamente raggiunto; piango e striscio i piedi sull'erba e singhiozzo che non riesco a spicciare una parola. E Dilo mi prende la mano tra le sue e sussurra 'Lo so che la vita da finocchi è difficile, ma non permetteremo a nessuno di torturarci, non lo permetteremo ok?' (...) poi nella casa di Dilo distesi sul letto a sentire dischi, lasciare che la musica entri nella testa e la riposi, luce morbida... (...) fingere che tutto sia passato, ma il silenzio imbarazzato del dopopranzo dice tutto il peso che ho dentro, che mi prende il respiro e il cervello e non basta Tim Buckley, (...) e non basta che le mie dita giochino fredde con quelle di Dilo".
13. Tagliaferri, op. cit., p. 16. "Se un atteggiamento di scoperta simpatia viene riservato ai coetanei, ai quali si perdona tutto, ciò consegue dalla fedeltà a quel patto generazionale che, come aveva genialmente intuito lo psicanalista Bela Grunberger agli inizi degli anni settanta, si fonda sul tentativo, tuttora operante nel nostro tessuto sociale, di costruire un mondo narcisistico di uguali al fine di evitare sistematicamente l'Edipo, e dunque il penoso processo della maturazione pulsionale".
14. Tondelli, *Altri libertini*, op. cit., p. 174. "Tutto il pomeriggio di questo fottutissimo Natale passato a casa del Miro per risollevarlo dall'infarto che il Merry Christmas di Andrea gli ha provocato. L'Annacarla, la Ela, la Raffy ed io e anche altri tutti intorno al suo corpo allentato sul sofà, su quel talamo non ci tornerà, non ci tornerà cazzo, vivesse cent'anni.. Noi non si sa più né cosa dirgli né cosa fargli dopo le premure tuttequante usate..."
15. Panzeri; Picone, op. cit., p. 8. "Sentivo solo di voler raccontare delle storie, forse anche troppo radicate nell'esperienza degli anni settanta, delle storie ancora collettive".
16. Tondelli, "Viaggio". In: *Altri Libertini* op. cit., pp. 76-77. "A Les Morelles sono tutti fuoriusciti, di ogni razza. Abitano questo vecchio e bellissimo quartiere, però malsano e trasandato. Di Italiani non ce ne sono (...) Però tutti hanno il ricordo della nostra razza e quando giriamo Rue Blaes per la spesa ci riconoscono e ci fanno festa anche i musulmani (...) Ma soprattutto gli spagnoli sono bellagente e ci trattano come fossimo americani sbarcati in centrafrica, tutti premurosi e giovali".

17. Tondelli, Pier Vittorio. "Senso contrario". In: *Altri libertini*, op. cit., p. 136. "Piuttosto non ci sono vecchi come ancora in molte osterie della bassa Reggio che li vedi con i toscani biascicati fino all'inverosimile e appiccicati all'angolo delle labbra che nemmeno uno sbadiglio sboccato riuscirebbe a far cadere, sempre pronti a ricordare e canticchiare, una volta avviati non si fermano più (...) restano in pochi qua e là e quando li si incontra è un indefinibile trapasso d'esperienza che capita, un attimo di comunicazione, quella vera, perfino ardente e si rimane poi tutta la notte a menarsela su e giù dagli anni, avanti e indietro nel tempo in una bella confusione che però è la storia viva e anche storia nostra".
18. Tondelli, Pier Vittorio. "Viaggio". In: *Altri libertini*, op. cit. p. 78. "capiamo che questi legami qui sono nati tra gente che lavora mica trattati a tavolino da diplomatici o ministri del cazzo, che di loro ci vergognamo sì, altrochè".
19. La Porta, Filippo. *La nuova letteratura italiana, travestimenti e stili di fine secolo*. Torino: Borighieri, 1999, p. 48. "Quella che si configura (anche a partire da queste pagine) non è, come pensavamo, una generazione apatica, indifferente o anoressica, ma profondamente fragile, del tutto incapace di sopportare la normale pressione emotiva che la realtà esercita su di noi; e dunque incline a usare metafore iperboliche di sopravvivenza, costretta a esorcizzare la realtà, a ingannarla attraverso una dissimulazione".
20. Panzeri; Picone. Op. cit., p. 67. "È vero, è anche 'una stagione all'inferno' perchè molti di quei protagonisti non ci sono più, perchè c'erano degli errori grossi... io però non mi sento di processare niente e nessuno, da questo punto di vista. Ogni generazione doveva essere quel che doveva essere. Mi limito solo a questo: troppo alcool preso, troppa polverina, in quegli anni....Tanta voglia di autodistruzione vista come mito alternativo... Forse è stata la pietà, forse la commozione, a far nascere interrogativi direi quasi inquietanti. E mi sono chiesto (...): non sarà che quel culto della sofferenza, del rifiutare sempre il gioco perchè il gioco è sempre sporco, del non stare da nessuna parte perchè le parti tradiscono sempre, alla fine non sia solo una mania letteraria ma proprio un'incapacità tremenda a stare al mondo?".
21. Tondelli, Pier Vittorio. "Andrea Pazienza", In: *Un weekend postmoderno. Cronache dagli anni Ottanta*. Milano: Bompiani, 1990. p. 211. "Guadagnare tanto per buttare via tutto, non pensare mai al futuro, non fare mai progetti, vivere alla giornata, avere orrore di costruirsi una carriera (...). identificarsi completamente con la bohème del proprio lavoro artistico, unire le ragioni della vita a quelle dell'arte".
22. Tondelli, "Viaggio". In: *Altri libertini*, op. cit., p. 93. "sborsa un deca che nasconde spiegazzato nelle mutande e a me mi fa schifo prendere in mano quel foglio leccio ma poi penso che il denaro è merda e la merda non fa male a nessuno e allora chi se ne frega se questo qui puzza di cacca e di piscio, lo prendo, lo apro, lo distendo corro fuori e ci compro alla Feltrinelli di Piazza Ravegnana qualche libro, poi torno a casa e la sera ci leggiamo tutti insieme un po' di Celine, un po' di Rabelais e un po' di Daniel Defoe".
23. Palandri, Enrico. "Altra Italia". In: *Panta*, p. 20. "I giovani si ritrovano schiacciati tra lo yuppismo da un lato, la cinica assunzione delle regole di mercato contro qualunque forma di moralità di cui i soggetti siano portatori, e le armi e la droga dall'altro, cioè l'autodistruzione come unica possibile espressione del rifiuto".
24. Panzeri; Picone. Op. cit., p. 58. "Essere impegnato per me vuol dire far scoprire cosa significa seguire la propria natura e il proprio istinto, sapere essere sinceri con se stessi e pieni di desideri e voglia di amare e cambiare il mondo, anche se io non posso dire in che modo".

## Bibliografia do autor

### 1. Obras

- Altri libertini*. Milano: Feltrinelli, 1980.  
*Altri libertini*. 7ª. ed. Milano: Feltrinelli, 1994.  
*Pao Pao*. Milano: Feltrinelli, 1982.  
*Rimini*. Milano: Bompiani, 1985.  
*Biglietti agli amici*. Bologna: Baskeville, 1986.  
*Camere separate*. Milano: Bompiani, 1989.  
*Un weekend postmoderno. Cronache dagli anni Ottanta*. Milano: Bompiani, 1990.  
*L'abbandono. Racconti dagli anni Ottanta*. Milano: Bompiani, 1993.  
*Dinner party*. Milano: Bompiani, 1994.

### 2. Antologias organizadas pelo autor

- Belli & perversi* (Under 25 II). Ancona: Transeuropa, 1987; Milano: Mondadori, 1992.  
*Giovani Blues* (Under 25). Ancona: Il lavoro editoriale, 1986; Ancona: Transeuropa, 1989; Milano: Mondadori, 1991.  
*Papergang* (Under 25 III). Ancona: Transeuropa, 1990; Milano: Modadori, 1992.

## Referências

- Antoni, Roberto. "Freak". In: *Stagioni del rock demenziale. Archeologia fantastica di modelli rock*. Milano: Feltrinelli, 1992.
- Buia, Elena. *Verso casa-Viaggio nella narrativa di Pier Vittorio Tondelli*. Ravenna: Fernandel, 1999.
- Carnero, Roberto. *Lo spazio emozionale-guida alla lettura di Pier Vittorio Tondelli*. Novara: Interlinea, 1998.
- Ceserani, Remo. *Raccontare il postmoderno*. Torino: Bollati-Borghieri, 1997, p. 204.
- Guglielmi, Angelo. *Il piacere della lettura - prosa italiana degli anni 70 a oggi*. Milano: Feltrinelli, 1981.
- La Porta, Filippo. *La nuova narrativa Italiana, travestimenti e stili di fine secolo*. Torino: Borighieri, 1999, pp. 7, 29, 32, 48-59, 64, 70, 76-78, 141, 214-215, 237, 240, 255, 278.
- Panzeri, Fulvio & Generos Picone. *Tondelli. Il mestiere di scrittore*. Ancona: Transeuropa, 1994.
- Panzeri, Fulvio (Org.). *Panta. Pier Vittorio Tondelli*. Milano: Bompiani, n.º. 9, nov. 1992.
- Pautasso, Sergio. *Gli anni ottanta e la letteratura*. Milano: Rizzoli, 1991, pp. 12, 13, 182-183, 185, 201, 294.
- Rota, Enos (Org.). *Caro Pier... I lettori di Tondelli: ritratto di una generazione*. Bologna: Tempi Stretti, 1995.

- Spadaro, Antonio. *Pier Vittorio Tondelli - Attraversare l'attesa*. Reggio Emilia: Diabasis, 1999.
- Scianchia, A. "Frontiere di una nuova poetica. Basta con il posmoderno, chiamiamolo bebop". In: *Aa.Vv. Sulle strade di Tondelli. Cinema, musica, geografia letteraria*, pp.10-15.
- Siciliano, Enzo. "Pier Vittorio Tondelli, 1955-1991". In: *Romanzo e destini*, Roma: Theoria, 1992, pp.154-157.
- Tani, Stefano. *Il romanzo di ritorno. Dal romanzo medio degli anni sessanta alla giovane narrativa degli anni Ottanta*. Milano: Mursia, 1990, pp.144-145, 197-199, 263, 277-278, 192-207.
- Zancani, Diego. "Pier Vittorio Tondelli e le strutture linguistiche di 'Altri libertini'". In: *I tempi del rinnovamento - Rinnovamento del codice narrativo in Italia dal 1945 al 1992* (atti del Convegno Internazionale). Roma: Bulzoni, 1° v., 1995, pp. 739-754.